

## 7

### Considerações Finais

Se, agora, dirigimos nosso olhar ao mundo que é dado às crianças, o que vemos? Falta de entendimento, ausência de escuta do outro, violência, destruição, morte. Observando o cotidiano, na política, nas relações familiares, vemos falta de diálogo e de escuta do outro. Com frequência, falo desta minha perplexidade e assombro diante da exclusão, da discriminação e da eliminação.

Pois, apesar do avanço e aparente progresso tecnológico, a humanidade não conseguiu superar o problema que está na origem dos grandes crimes cometidos contra a vida – sejam eles de ordem política, étnica, religiosa, social, sexual – na origem dos genocídios: a dificuldade de aceitar que somos feitos de pluralidade, que somos constituídos na diferença (KRAMER, 2003, p. 92 e 93).

Com este trabalho, busquei realizar um estudo sobre as crianças negras, ouvir suas vozes e experiências vivenciadas no cotidiano de uma escola pública, assim como suas relações com as crianças não negras e as professoras. O objetivo principal foi compreender como essas crianças, que vivem em um contexto fortemente marcado pela exclusão social e racial, se relacionavam, se viam e eram percebidas pelas demais crianças, professores e outros adultos no contexto escolar.

Segundo CAVALLEIRO (2005) o debate em torno da dinâmica das relações raciais na sociedade brasileira vem ganhando espaço na esfera pública e, neste contexto, é importante ter-se presente que

o momento atual, portanto, mostra-se profícuo para o redimensionamento de ações voltadas à superação das desigualdades entre negros e brancos na sociedade, mesmo porque, conta-se com o comprometimento manifesto do Estado Brasileiro, por ser signatário, desde 1968, de vários tratados e convenções internacionais que objetivam a eliminação da discriminação racial da qual a população negra tem sido alvo (CAVALLEIRO, 2005, p. 66).

Estudar as relações raciais com o olhar para as crianças negras no cotidiano escolar é de suma importância para se compreender as desigualdades sociais e raciais que permeiam a nossa sociedade. Apesar de importantes mudanças sociais pelas quais passou o país, seja na área

da economia, da urbanização, ou da ampliação das oportunidades educacionais e culturais, não se observou uma redução das desigualdades raciais. (IPEA, 2008). Nesse sentido, as desigualdades raciais são facilmente constatadas e percebidas nos indicadores sociais referentes aos mais variados vetores<sup>33</sup>. Segundo CAVALLEIRO (2005), mesmo com as mudanças sociais que aconteceram no decorrer do século XX, as condições da vida da população negra brasileira continuam pouco alteradas.

A pesquisa de campo que desenvolvi, de caráter qualitativo, foi realizada a partir de observações sistemáticas durante cinco meses em uma escola pública em Niterói, com crianças de idades entre 7 a 14 anos. Produzi um extenso material, a partir das anotações do caderno de campo, que se tornou o principal instrumento da pesquisa. Outros instrumentos utilizados foram os desenhos das crianças, fotografias e entrevistas com as professoras. Estes diferentes instrumentos de coleta de dados foram fundamentais para captar as vozes, as ações e, neste sentido, compreender as crianças a partir de suas próprias práticas: pessoais, culturais e sociais. Pois, “as crianças devem ser consideradas como atores em sentido pleno e não simplesmente como seres em devir. As crianças são ao mesmo tempo produtos e atores dos processos sociais” (SIROTA, 2001, p. 19). A observação participante com as crianças, permitiu-me compreendê-las a partir de seus próprios contextos socioculturais. Foi preciso observar, escutar, refletir e, também, relacionar-se com as crianças em uma prática dialógica e reflexiva. Assim, a inspiração etnográfica foi de suma importância para esta pesquisa, pois permitiu que eu participasse ativamente da vida e do mundo social no qual as crianças que participaram dessa pesquisa estavam inseridas. Através desse estudo, foi possível construir textos sobre as vidas, histórias, práticas, culturas e conhecimentos das crianças negras sobre si mesmas, os outros e a realidade em que vivem. Considero importante se

---

<sup>33</sup> Entre outros, ver: Manoel, Teodoro (Org.) As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após abolição – IPEA- novembro de 2008 e Marcelo Paixão e Luiz Marcelo Carvano (Orgs.) Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil 2007-2008. Instituto de Economia da UFRJ – Rio de Janeiro, 2008.

ter presente que “um estudo etnográfico é acima de tudo um estudo cultural, que se centra nos fenômenos simbólicos e culturais das dinâmicas de ação no contexto organizacional da escola” (SARMENTO, 2003, p. 152).

Os principais referenciais teóricos que fundamentaram a pesquisa foram os estudos sobre a perspectiva multicultural e intercultural no cotidiano escolar e as contribuições de pesquisas sobre a diversidade étnico-racial no cotidiano escolar, mais especificamente sobre as crianças negras. Abordei também a importância da Lei 10.639/03 no que diz respeito às relações étnicorraciais, ao reconhecimento e valorização da história e cultura dos negros no contexto da educação, na perspectiva da construção de uma cidadania responsável e de uma sociedade justa e democrática.

Este trabalho se situa no âmbito da perspectiva de uma educação intercultural que, segundo CANDAU, trata de um “enfoque que afeta a educação em todas as suas dimensões e tem por base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de desigualdade social” (id. 2002, p. 102).

No contexto da pesquisa de campo realizada, foi possível perceber que a escola Estadual Boa Vista está marcada pela diversidade cultural e étnico-racial. O seu corpo discente está constituído predominantemente por crianças pertencentes às camadas populares, com condições de vida marcadas por fortes exclusões socioculturais. As entrevistas com as professoras confirmaram esta realidade da escola: alunos/as das camadas populares, moradores de favelas e em sua maioria negros/as. A caracterização étnicorracial e cultural das crianças era visível e todas as professoras que participaram das entrevistas a assinalaram. Mas, mesmo reconhecendo esta realidade, as questões étnico-raciais não eram em geral reconhecidas no cotidiano escolar. Predominava um silenciamento, reforçador da discriminação e exclusão tão presentes na nossa sociedade.

Foi possível notar também, através das falas das crianças e nas entrevistas com as professoras, que parece existir uma relação entre desigualdade social e características étnicorraciais, pois a maioria das

crianças negras vivia em condições precárias. Elas reconheciam e falavam sobre suas precárias condições de vida, o trabalho de seus pais, a moradia e a realidade das comunidades em que viviam. A grande maioria era beneficiária do Bolsa Família como fonte de renda. Essas mesmas crianças apresentavam os piores rendimentos em relação ao desenvolvimento da leitura e da escrita na sala de aula pesquisada. Tal fato foi percebido principalmente através das histórias relatadas pelas próprias crianças sobre suas vidas e seus contextos socioculturais e pelos depoimentos das professoras.

Durante as observações em sala de aula, foi possível perceber também que a diversidade de religiões se fazia bastante presente no cotidiano dessas crianças. Grande parte dos assuntos abordados em nossos diálogos envolvia conversas sobre suas igrejas e suas práticas. Percebi também que muitas crianças falavam de suas religiões como algo bom e gerador de felicidade em suas vidas, pois a igreja era também um local de socialização e encontro. Essa é uma questão que nenhuma das pesquisas analisadas abordou, e que surgiu em minha pesquisa com muita força, relatada pelas próprias crianças. Considero que este tema deva ser objeto de pesquisas orientadas ao seu aprofundamento.

Outra questão importante diz respeito às relações entre as próprias crianças negras, à maneira como se relacionavam no cotidiano da escola, às estratégias que criavam para enfrentar as dificuldades econômicas e os conflitos raciais. As crianças negras sempre estavam juntas e se reuniam de acordo com o local de moradia, criavam estratégias na sala de aula para que uma ajudasse a outra e sempre se defendiam em situações de conflitos com outras crianças. Nesse sentido, as crianças negras se fortaleciam como grupo de crianças negras moradoras de favelas, no entanto, quase não se relacionavam com as crianças brancas e moradoras do centro de Niterói.

Outro aspecto que emergiu com força dos dados diz respeito à violência presente nas comunidades em que as crianças viviam e seu impacto em suas vidas. Essa violência era diariamente relatada pelas próprias crianças. Sempre chegavam à sala de aula com histórias de mortes, droga, traficantes, policiais e os conflitos que aconteciam na

favela. Pelas falas das crianças pode-se notar que há uma cultura da violência, que elas já estão acostumadas com esta situação tão presente em seus contextos concretos de vida, havendo uma certa naturalização dessa realidade. A violência foi um tema que surgiu nesta pesquisa com muita ênfase e podemos constatar que as pesquisas apresentadas no referencial teórico desse estudo não explicitam esta questão da relação entre violência, pobreza e desigualdade racial.

Uma outra questão que foi possível detectar no estudo realizado, diz respeito aos meninos negros na escola pesquisada. Estes meninos se encontravam em situações de inferioridade quanto à aprendizagem, à defasagem idade/série e as questões econômicas. Os meninos negros eram mandados para fora da sala de aula por questões de indisciplina, seus pais eram chamados à escola e sempre recebiam reclamações de seus comportamentos e desempenho escolar. A questão da defasagem idade/série em relação aos meninos negros foi algo significativo no contexto dessa pesquisa. Nessa perspectiva, emerge a pergunta: por que será que meninos negros têm os piores resultados na escola? Como os professores/as estão avaliando os meninos negros? Por que tantos meninos com defasagem série/idade nesta turma do 1º ano? Por que os meninos negros eram retirados da sala de aula pela professora? Os meninos negros no ambiente escolar são considerados, em geral, indisciplinados, violentos e tidos como alunos que não querem nada e não sabem o que vão fazer na escola. Essas questões também são abordadas por CARVALHO (2004) em suas pesquisas. Tendo por eixo as relações entre rendimento escolar e questões de gênero, tal autora constatou que meninos e meninas negras estão em desvantagem em relação a outros grupos no ambiente escolar.

Marcelo Paixão (2008) confirma esta realidade das crianças negras no ambiente escolar:

Assim, o racismo à brasileira acaba operando uma espécie de profecia que se autocumprir: as crianças negras de hoje, na sua maioria pobres, com piores condições materiais para dar prosseguimento aos seus estudos, e que são discriminadas social e racialmente no ambiente da escolar, amanhã se tornarão adultos

ocupando os papéis sociais de baixo prestígio, remuneração e poder (PAIXÃO, 2008, p. 87).

Tentei ao longo desta dissertação superar uma perspectiva de mera denúncia e enfatizar a reflexão, o diálogo e a compreensão das questões que envolvem as crianças negras no cotidiano escolar. Por mais que se trate um estudo específico, de uma determinada escola, parece-me que são questões que crianças negras das camadas populares vivem e que reforçam exclusões e discriminações que expressam e perpetuam o racismo silenciado na sociedade brasileira.

A pesquisa realizada na Escola Estadual Boa Vista oferece indícios e pistas para a construção de uma educação pautada na perspectiva intercultural e em sintonia com os estudos sobre as relações raciais que possa contribuir ativamente para o enfrentamento da desigualdade e da discriminação racial, tendo com meta a igualdade étnicorracial no cotidiano escolar. Através das histórias de vida, da referência à diversidade de religiões, das músicas cantadas pelas crianças, das brincadeiras, das falas sobre suas comunidades, as crianças demonstram interesses e emitem opiniões sobre os acontecimentos do cotidiano da cidade, da favela e de suas famílias. Estas referências não são, em geral, levadas em consideração no dia a dia da sala de aula e do desenvolvimento curricular. No entanto, na perspectiva intercultural, oferecem inúmeros temas a serem explorados e trabalhados, em que o reconhecimento e a valorização das diferenças se façam presentes, assim como o diálogo entre saberes sociais e saberes curriculares. A escola, neste contexto, tem possibilidades de criar estratégias para que a sala de aula se torne um local de socialização e de múltiplas narrativas (MCLAREN, 2000), de transformação e principalmente que promova o empoderamento dos diferentes grupos sociais que dela fazem parte.

Ressalto também a importância da Lei nº 10.639/03 para o atual contexto educacional e para a promoção de uma educação pautada nas relações étnicorraciais, com o objetivo de garantir uma educação de iguais direitos para o pleno desenvolvimento de todos e de cada um enquanto pessoa, cidadão, principalmente das crianças. No entanto, a

partir da pesquisa realizada pude constatar que, apesar de sua obrigatoriedade, durante os cinco meses que passei na escola, a Lei 10.639/03 não foi mencionada em nenhum momento, o que evidencia a precariedade de sua implementação. No entanto, acredito que sua introdução nos processos de formação inicial e continuada de professores poderá contribuir para a construção de práticas democráticas, plurais e emancipatórias e estimular que a escola desenvolva estratégias para a valorização das crianças negras como sujeitos de direitos, cidadãos, produtoras e construtoras de conhecimentos. Assim, destaco a importância da formação de professores para a promoção de uma educação antirracista e intercultural em nossas escolas.

Como já afirmei, esta pesquisa tentou compreender o olhar das crianças negras sobre sua realidade e suas relações no ambiente escolar. Através deste olhar, na simplicidade das vozes e dos olhares de cada criança, fui aprendendo a ver e a tecer um texto com a melodia e as diferenças que elas explicitavam.